

EXMO. ACADÊMICO JOSÉ ROBERTO DE SOUZA BARATELLA
DD Presidente Da Academia De Medicina De São Paulo
EXMO. ACADÊMICO JOSÉ LUIZ GOMES DO AMARAL
DD. Presidente Da Associação Paulista De Medicina
EXMA. DRA. CRISTINA HAJAJ
DD Representante Do Conselho Regional De Medicina Do Estado De São Paulo
EXMO. PROF. DR. ÉLVIO BUENO GARCIA
DD Presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Regional de SP
Autoridades Presentes, Ilustres Acadêmicos,
Estimados Familiares, Estimados Amigos, Senhoras, Senhores.

Dizem que certa vez perguntaram a um sábio: de todos os bens que podemos obter na vida qual aquele que tem maior valor?

Ao que ele respondeu – as emoções, pois são o único bem de valor que se leva da vida, porque elas podem ser guardadas no coração.

Por isso inicialmente, agradeço a presença de tantas pessoas queridas que vieram compartilhar comigo esta emoção e torná-la ainda mais radiante e colorida para o acervo de meu coração.

Quero agradecer também ao Acadêmico Dr. Guido Arturo Palomba, ícone da psiquiatria forense e ex-presidente desta Casa e ao Acadêmico Dr. João Sampaio de Almeida Prado, expoente da psiquiatria e da psicanálise, por me terem dado a honra de acompanhar-me no ingresso a este recinto que simboliza a entrada oficial neste Sodalício. Ingressar nesta Academia, ladeado por Florões de suas especialidades, é uma honra da qual jamais me esquecerei.

Do mesmo modo, ficará indelevelmente esculpida em meu coração a saudação feita em nome da Academia pelo Acadêmico Dr. Juarez Moraes de Avelar, a quem agradeço pela honra e pelas gentis palavras, além de eminente e exímio cirurgião plástico, duas vezes presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica ele é também uma referência mundial na cirurgia reconstrutiva de orelha.

Agradeço ainda, muito respeitosamente, a todos os Ilustres Acadêmicos desta Casa que com a gentil dádiva de seu voto me elegeram para ocupar a cadeira 71 desta augusta Academia.

O termo Academia evoca a antiga Grécia, quando Platão o eminente filósofo fundou sua célebre Escola no local em que se localizavam os jardins de Akademo, o herói ático da mitologia, que segundo a tradição lendária havia ajudado Castor e Polideuces (*Pólux em latim*), a libertar sua irmã Helena, então prisioneira de Teseu.

O jardim possuía doze oliveiras e rezava a lenda que Akademo estava enterrado lá, por isso a Escola de Platão tornou-se conhecida como a “Academia”.

Mais tarde, a partir do Renascimento, o termo passou a ser usado para designar os locais de agremiação de intelectuais, filósofos e artistas, surgindo então muitas Academias na Europa.

As Academias de Medicina, especificamente, começam a aparecer a partir do século XVIII, encontrando-se na França sua célula mater.

Este sodalício, a Academia Paulista de Medicina, encontra-se entre as agremiações médicas mais antigas do Brasil, fundada em 1895.

Sinto-me muito enaltecido em integra-la a partir de hoje, mas além do orgulho e da satisfação, também sinto o peso de uma grande responsabilidade ao lembrar que sentaram nestas cadeiras, espargindo sua luz, tantos luminares da medicina, cujos nomes são sobejamente conhecidos de todos, como: Luiz Pereira Barreto, Arnaldo Vieira de Carvalho (fundador da Faculdade de Medicina da USP), Rubião Meira, Alberto Seabra, Evaristo da Veiga, Flaminio Fávero, Benedicto Montenegro, Alípio Correia Neto, Diogo de Faria, Carlos da Silva Lacaz, Dante Pazzanese, Edmundo Vasconcelos, Victor Spina, Domingos Delácio, Caetano de Campos (aquele que dá nome à famosa Escola Normal), Jairo Ramos, Vital Brazil, Emílio Ribas, Evaristo da Veiga, Antonio Carlos Pacheco e Silva (fundador da Escola Paulista de Medicina da UNIFESP), Cantídio de Moura Campos (Fundador da UNICAMP), Eurico Branco Ribeiro (fundador da SOBRAMES), Euricledes de Jesus Zerbini, apenas para citar alguns que já não mais se encontram entre nós, para não me estender, todavia, a honra, a satisfação e o peso da responsabilidade ampliam-se ainda mais por estar agora ladeando expoentes da medicina contemporânea, aqueles que ocupam as demais 129 cadeiras desta Academia, muitos dos quais deram-me o privilégio de estarem hoje aqui presentes.

Fiquei ainda mais feliz e honrado quando tomei conhecimento de que a cadeira de número 71, que agora passo a ocupar, possui a ela ligadas duas mulheres ilustres: minha antecessora e a Patronesse.

Sim, porque se hoje a maioria dos estudantes em muitas faculdades de medicina pertence ao sexo feminino, não foi sempre assim, muito pelo contrário, o curso de medicina foi proibido às mulheres por muito tempo e elas apenas atuavam como auxiliares dos médicos, qual as irmãs de caridade, com raríssimas exceções circunstanciais, como ocorreu com Anna Morandi Manzolini, no século XVIII, na Universidade de Bologna na Itália, que, sem ter estudado medicina tornou-se professora de anatomia naquela universidade quando seu marido, o professor de fato, faleceu muito jovem e como ela o ajudava foi convidada a continuar lecionando, tornando-se famosa por isso.

Não era permitido a mulheres cursarem medicina, em nenhum país.

A primeira mulher a conseguir quebrar essa barreira nas Américas, foi Elizabeth Blackwel em 1849, nos Estados Unidos, por uma circunstancia casual, mas naquele país, ainda assim, mesmo depois dela, tentou-se cercear por um tempo, o ingresso das mulheres em medicina usando o artifício da criação de faculdades só para mulheres.

No Brasil o ingresso de mulheres só foi permitido com a Reforma Leôncio de Carvalho em 1879. Mas durante muito tempo, mesmo no início do século XX, as mulheres médicas eram em número muito pequeno.

Por essa razão, aquelas que conseguiam essa proeza, eram dignas de admiração e tinham valor pelo simples fato de ocuparem posição de vanguarda em seu tempo.

Minha antecessora na Cadeira 71 foi a Acadêmica Profa. Dra. Maria Odette Ribeiro Leite, nascida em 18 de setembro de 1927, na capital de São Paulo, era filha de Mauricio Ribeiro Leite e de Lucie Chamuzeau Leite. Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1952. Foi uma profissional exemplar e, segundo seus familiares, casada com a medicina dedicando-se integralmente à profissão. Era especialista em

Endocrinologia e Metabologia e foi no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP que exerceu sua profissão de forma mais ampla e duradoura, onde foi professora assistente até sua compulsória em 1997, mas mesmo após a aposentadoria compulsória continuou como voluntária na orientação de residentes, pós-graduandos e estagiários do serviço e da disciplina de Endocrinologia e Metabologia do HC-FMUSP.

Atuou no IAPI e no INSS entre 1955 e 1975, também exerceu atividades clínicas, assumindo, a partir de então e até agosto de 1983, o cargo de chefe de Grupamento Médico Pericial da Agência do Ipiranga. No consultório desenvolveu atividades clínicas e de pesquisa, de maio de 1965 a janeiro de 2009.

Foi Vice-Presidente e também Presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, recebeu a medalha comemorativa do cinquentenário do Hospital das Clínicas em 1994, foi conferencista em congressos nacionais e internacionais de sua área, publicou vários trabalhos de pesquisa bem como participou de livros e capítulos de livros.

Tornou-se Titular da Academia de Medicina de São Paulo em 1987 e faleceu aos 87 anos em 2015.

A Patronesse da Cadeira 71 é Carlota Pereira de Queirós nasceu em 13 de fevereiro de 1892, na cidade de São Paulo. Era filha de José Pereira de Queiroz e de Maria Vicentina de Azevedo Pereira de Queiroz.

Notabilizou-se pelo fato de ter sido uma mulher de vanguarda para o seu tempo, não aceitando as limitações infligidas pela sociedade. Ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, mas, no início dos anos de 1920, transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou, em 1926, com a tese *Estudos sobre o Câncer*, monografia galardoada com o Prêmio Miguel Couto.

Em 1929 foi comissionada pelo governo paulista para estudar dietética infantil em centros médicos da Europa. Esteve na Suíça, França e Alemanha fazendo cursos de aperfeiçoamento e trabalhando com médicos célebres daqueles países.

Respeitadíssima, teve notável atuação durante a Revolução Constitucionalista de 1932, quando o Estado de São Paulo rebelou-se contra o governo provisório de Getúlio Vargas.

Junto com a Cruz Vermelha Paulista organizou um grupo de 700 mulheres no “Departamento de Assistência aos Feridos”, além de dirigir a “Oficina de Costura”, condutas que além de lhe terem despertado para a vida pública, deram-lhe visibilidade culminando com a conquista uma vaga na Assembleia Nacional Constituinte de 1934.

Em novembro de 1932 fez parte da comissão que foi ao Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, para buscar os últimos prisioneiros constitucionistas que ainda estavam internados.

Carlota Pereira de Queiroz foi a primeira deputada federal da história do Brasil, eleita pelo Estado de São Paulo, no sufrágio de 3 de maio em 1933, para uma das 254 cadeiras da Câmara dos Deputados à Assembleia Nacional Constituinte de 1934. Fez a voz e os anseios femininos serem ouvidos no Congresso Nacional.

Como parlamentar e com o seu conhecimento, lutou pela defesa da mulher; pelo fim da miséria e pelos direitos das crianças, sobretudo as abandonadas, trabalhando por melhorias educacionais.

Criou o primeiro projeto sobre serviços sociais no Brasil.

Dinâmica e culta, Carlota Pereira de Queiroz publicou ainda diversos artigos, advogando igualdade social e melhoria no tratamento da mulher brasileira.

Após a promulgação da nova Carta Magna, em 1934, elegeu-se novamente para um mandato que exerceu até novembro de 1937.

Entretanto, Carlota Pereira de Queiroz, jamais se afastou da medicina e sempre exerceu sua profissão. Ingressou como membro titular desta Academia em 1o de abril de 1941. Pertenceu também a Association Française pour l'Étude du Cancer, Academia Nacional de Medicina de Buenos Aires e se tornou a primeira médica honorária da Academia Nacional de Medicina, ingressando nesse sodalício, em 5 de julho de 1942.

Em 1950 fundou a Academia Brasileira de Mulheres Médicas, entidade que presidiu durante alguns anos. Por tudo isso ela é considerada um ícone das médicas do Brasil.

Destacou-se também como escritora e historiadora publicando as obras: *Um Fazendeiro Paulista no século XIX* (1965) e *Vida e Morte de um Capitão-Mor* (1969).

Carlota Pereira de Queiroz faleceu em sua cidade natal, São Paulo em 14 de abril de 1982, aos 90 anos. É honrada como patronesse da cadeira número 71 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

A cidade de São Paulo lhe rendeu homenagem com um busto em bronze, monumento que se encontra na Praça Califórnia no Bairro de Pinheiros, dá nome a uma avenida no distrito de Socorro, a uma Escola de Educação Infantil no Distrito Cidade Tiradentes e ainda é homenageada com o nome de uma rua na Cidade de Curitiba.

É uma grande honra, portanto, tê-la como Patronesse.

A ela rendo minhas homenagens e a promessa de honrar esta Cadeira por todo o tempo que Deus me conceder em minha vida terrena.

Aproveito para agradecer e felicitar o Acadêmico Dr. Hélio Begliomini, eminente médico, historiador e escritor, pelas informações contidas em seu livro magnífico intitulado *“Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo”*, de onde estrei a biografia citada.

Já finalizando, quero salientar que um dos aspectos que mais me deixaram em júbilo por fazer parte deste sodalício, é que as Academias de Medicina, prestam grande serviço à sociedade não apenas porque contribuem significativamente para a preservação da história, da memória e da cultura médica, mas porque e principalmente, são elas atualmente, as reais depositárias da medicina em seu âmago, pois, em nossos dias, mundialmente falando, em que se valoriza demais a tecnologia, em detrimento da relação humana, em que se dá mais importância aos bonecos simuladores que ao paciente, na graduação médica, é nas academias de medicina que se encontra ainda, na sua forma mais pura e mais autêntica, o cerne da arte de curar, que é ciência no conteúdo, mas, que é arte na sua aplicação.

Não se aprende relação humana com aparelhos, por mais sofisticados que sejam, nem é a tecnologia que ensina valores humanísticos, mas estes são pungentes em uma Academia de Medicina, seja pela experiência, vivência profissional, cultura e bagagem humanística de seus integrantes, seja, pelos

próprios designios estatutários primaciais, pois através de debates, sugestões e promoção de eventos, uma Academia, ao cumprir seus objetivos, pode orientar e influenciar decisões governamentais sobre a prática da medicina e a formação do médico.

Em última análise, nos dias de hoje, é nas Academias de Medicina que reside de fato a essência da arte de curar.

Para encerrar trago aqui uma poesia que fiz e que traduz esse pensamento humanístico na medicina de uma forma mais enfática.

MEDICINA E POESIA

A medicina,
é ciência e é arte
na concepção perfeita
que a história não nega,
posto que é preciso,
ao artífice da cura
que a ela se entrega,
harmonizar no espírito,
o conhecimento,
a determinação do cientista,
a sensibilidade, o tato do artista.
E se da mente perspicaz emana
o raciocínio para diagnosticar e curar,
das mãos a habilidade para o corpo restaurar
por que não de fluir do coração
a veia poética para sensibilizar
e tocar a alma humana.

Lybio Junior

(DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO
PROFERIDO PELO ACADÊMICO LYBIO JOSÉ MARTIRE JUNIOR NO AUDITÓRIO
NOBRE DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA EM 16/10/2018)